

A SOMBRA ERÓTICA NO CONTO “MISS ALGRAVE” DE CLARICE LISPECTOR: O SAGRADO VERSUS O PROFANO

THE EROTIC SHADOW IN THE TALE “MISS ALGRAVE” BY CLARICE LISPECTOR: THE SACRED VERSUS THE PROFANE

LA SOMBRA ERÓTICA EN EL CUENTO “MISS ALGRAVE” DE CLARICE LISPECTOR: LO SAGRADO VERSUS EL PROFANO

*Edinaldo Flauzino de MATOS**

Resumo: No presente artigo busca-se analisar a temática erótica no conto “Miss Algrave”, de Clarice Lispector sob a perspectiva do efeito sombra cujas forças manifestas advêm de *Eros* contíguas às múltiplas facetas que envolvem traumas de infância da personagem Ruth Algrave. A interpretação proposta ajusta-se à combinação cromática que, por sua vez, pressupõe mensagens implícitas na conjuntura dos eventos. Também objetiva-se distinguir o limite de oposição entre o sagrado e o profano manifesto como paradoxo de dois mundos que entrecruzam o comportamento da personagem. Além disso, os estudos da psicanálise freudiana são evocados para a compreensão do quanto uma pessoa pode sucumbir às investidas dos instintos, a saber: o Id, o Eu e o Super-eu que compõe a psique humana.

Palavras-chave: Força cromática; Instinto sexual; Profano; Sagrado; Sombra erótica.

Abstract: In this article, the erotic theme is analyzed in the short story “Miss Algrave”, by Clarice Lispector. The analysis is in the perspective of the shadow effect that culminates the manifestations and drives that go from the contiguous *Eros* to the multiple facets that involve a child trauma of the character Ruth Algrave. The proposed interpretation is based on the chromatic combination, which, in turn, presupposes messages implicit in the conjuncture of the character's behavior. It also aims to distinguish the dichotomous limit between the sacred and the profane manifested as a paradox of two worlds that intertwine the human universe. Furthermore, the studies of Freudian psychoanalysis serve as a basis for understanding how much a person can succumb to the attack of instincts, such as: the Id, the self and the Super-self that constitute the human psyche.

Keywords: Chromatic strength; Sexual instinct; Profane; Sacred; Erotic shadow.

* Doutor em Letras – Área de Literaturas em Língua Portuguesa, pela UNESP – Universidade Estadual Paulista de São José do Rio Preto. Mestre em Estudos Literários pela UNEMAT – Universidade do Estado de Grosso de Tangará da Serra. Docente efetivo do curso de Letras na UNIR – Universidade Federal de Rondônia. Líder do GESTELIT – Grupo de Estudos Teóricos e Literários. Contato: edinaldo.matos@unir.br.

Resumen: En este artículo buscamos analizar el tema erótico del cuento “Miss Algrave”, de Clarice Lispector, desde la perspectiva del efecto sombra cuyas fuerzas manifiestas provienen de Eros contiguas a las múltiples facetas que involucran el trauma infantil del personaje Ruth Algrave. La interpretación propuesta se ajusta a la combinación cromática, que presupone mensajes implícitos en la coyuntura de los hechos. También pretende distinguir el límite de oposición entre lo sagrado y lo profano manifestado como una paradoja de dos mundos que entrelazan el comportamiento del personaje. Además, se evocan los estudios del psicoanálisis freudiano para comprender cuánto puede sucumbir una persona a la embestida de los instintos, tales como: el ello, el yo y el superyo que componen la psique humana.

Palabras clave: Fuerza cromática; Instinto sexual; Profano; Sagrado; Sombra erótica.

Preliminares

Benjamin Moser, no prefácio da coletânea **Todos os contos**, ressalta que “[...] falar de Clarice Lispector é falar de Clarice, um simples nome pelo qual é universalmente conhecida; é falar da mulher em si” (2016, p. 12). Ademais, discorrer sobre sua literatura nos permite revisitar notáveis e intrigantes personagens femininas descritas mediante consciências conflituosas que denunciam os entrelagos com as acepções ideológicas do seu tempo. As personagens da ficção da escritora encontram-se no limite de um “coração selvagem”, já que o estado de mal-estar incide na densidade psicológica e na ausência de certa explicação pautada na coerência. As mulheres claricianas questionavam o seu papel e lugar efetivo na sociedade. Talvez, por isso, se mostram solitárias, infelizes e ambíguas, pois vivem e sobrevivem no embate de uma existência culposa por efeito de certa tensão conflitiva efetivada pela náusea de viver num mundo que a própria escritora adjetivava como “cão”, cuja inferência metafísica pessimista justificase pela consciência da realidade de seu mundo. Essencialmente, a pretexto da temática proposta, nesse artigo, pode-se problematizar inúmeras questões: Como definir a acepção do efeito sombra contíguo à questão erótica envoltas nas personagens femininas de Clarice Lispector? A perspectiva da sombra erótica pressupõe a sobriedade e a leveza ou sucumbe aos artifícios mórbidos? Há, na obra da escritora, a promoção de uma busca pela profanação do sagrado? Qual a distinção em sua obra entre as perspectivas psicológicas, filosóficas e

espiritualistas em detrimento da dicotomia instaurada entre o sagrado e o profano?

Diante das problemáticas pressupostas, a princípio, pode-se inter-relacionar o viés literário em conjunto à sociedade, pois, Antonio Candido, em **Literatura e Sociedade**, enfatiza essa proposição ao afirmar que: “[..] as manifestações artísticas são coextensivas à própria vida social, não havendo sociedade que não as manifeste como elemento necessário à sobrevivência, pois, como vimos, elas são uma das formas de atuação sobre o mundo e de equilíbrio coletivo e individual” (2000, p. 61). Nesse sentido, refletir a literatura e a relação direta com a sociedade é primordial para a análise das pulsões adjuntas às necessidades de expressão, de comunicação, de integração que possibilitem compreender os impulsos humanos derivados dos arcaísmos existenciais e coligados à natureza biológica de cada um.

Assim, as perspectivas temáticas envoltas na dicotomia sagrado *versus* profano ajustadas à questão erótica nos permitem ponderar a contradição ante aquilo que as acepções psicanalíticas, filosóficas e espiritualistas enfatizam a respeito do nosso obscuro Eu interior. Essa consciência pressuposta previne os humanos a respeito das sombras que os enlevam. Porquanto, de forma contraproducente, as pessoas negacionistas, quase sempre, deixam de viverem uma vida legitimada pelas suas idiosincrasias que residem no mais profundo do inconsciente. No oposto da negação, ao sermos resilientes com a dual capacidade humana de contradições, por essência, pode-se viver uma vida plena, no sentido de assumir quem realmente somos na totalidade. É imperativo considerar fazer as pazes com a sombra, pois essa inferência possivelmente harmoniza um viver sem culpas e medos e, positivamente somos poupados de muitos dissabores. Ao contrário da harmônica plenitude, se não reconhecemos a nossa particularidade sombria como algo imperioso da realidade humana, por vezes, seremos invadidos pelo efeito negativo da sombra.

Esse viés sombrio envolto na complexidade da existência humana encontra-se disseminado nas exterioridades da vida e contíguas ao nosso Ser. O cotidiano nos revela o quanto somos ambíguos desde o momento que nos deparamos com notícias em jornais, em revistas, na TV, nas interações por meios das redes sociais, no ambiente de trabalho, nas relações com familiares, amigos, colegas e até pessoas estranhas. Entretanto, a sombra que nos acompanha, essencialmente, se mostra de

forma mais significativa em nossos pensamentos, comportamentos, nos quais a legitimamos direta ou indiretamente nas interações sociais. Assim, por vezes, temos ressalvas em admitir aquilo que realmente somos e o que queremos ser. Além disso, paira o medo que, ao sermos resilientes com o nosso lado sombrio, automaticamente, somos convocados ao enfrentamento perante resistências socioculturais múltiplas.

O temor de reconhecermos e aceitarmos o lado sombrio, arraigado no nosso interno, justifica-se pela proposição mais efetiva de nossa existência como resultante do reconhecimento reflexivo figurado na noção de espelho, ou seja, no verdadeiro Eu, isto é, “o esboço da alma humana” ajuizado pela acepção machadiana como “a eterna contradição humana”. O efeito sombra é análogo à interpretação do Padre Vieira que o intitulava como “Demônio mudo” que incide ao reflexo da luz interior do Eu, cuja consciência ocorre mediante o exercício de autoanálise sob aporte de três substantivos básicos: olhos, espelho e luz. “Se tem espelho e é cego, não pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não pode ver por falta de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho e há mister olhos” (VIEIRA, 2010, p. 25).

Nesse sentido, a sombra encontra-se aprofundada no nosso Ser ante comportamentos conservadores em demasia. E, conforme pauta a psicanálise, de modo geral, a sombra implica nos receios e nos fantasmas da consciência envoltos no inconsciente.

Essencialmente, desvelar e assumir o nosso lado sombrio não pode ser ajuizado como certa fraqueza e, de fato essa consciência de harmonizar-se com a sombra implica na perspectiva da completude do Ser. Então, paradoxalmente, mediante uma aceitação da dura verdade, nos permitimos a leveza do reconhecimento de nós mesmos em plenitude. É certo que enxergamos o mundo através do nosso ponto de vista e, por isso, nossos princípios de condutas, quase sempre, buscam disfarçar nossa verdadeira essência. Augusto Meyer, a respeito da sombra, observa a dicotomia entre o Ser *versus* Parecer, pela qual ressalta: “Verdade banal da psicanálise. No fundo, o introvertido típico é quase sempre um tímido inadaptado que se retira prudentemente para evitar as surpresas” (MEYER, 2008, p. 61). O espaço do inconsciente ocupado pela sombra nos parece tão perigoso, pois revela a profundidade de uma prisão fantasmagórica envolta num narcisismo extremo,

considerando que nossos monstros invisíveis são soltos, na maioria das vezes, no privado, e contidos, no público.

Nessa conjuntura, temas *tabus* são mais propensos a incidirem nos comportamentos reservados sob a disposição de negação. Esse tipo de atitude nos limita a reconhecer a aceção existencial sublimada na plenitude. Primeiramente, como *spoiler* da análise proposta, com ênfase na personagem de Ruth Algrave, pode-se ponderar que a sombra erótica, possivelmente, na maioria das pessoas, se mostra aparentemente discreta, reticente e recalçada, isto é, se apresenta como uma leve penumbra que ofusca planos e desejos mais profundos. Consequentemente, essas volições culminam numa sombra insondável e, às vezes, alcançam os limites da morbidez. Augusto Meyer, estudioso de Machado de Assis, provavelmente diria que a conjuntura erótica, a exemplo de Clarice Lispector, se mostra demoníaca, trágica, perversa, cujo ódio à vida avulta em criaturas monstruosas de consciências que ferem a perfeição. Acresce, ainda, metaforicamente que a sombra erótica é um rio profundo que, a princípio, parece manso por efeito de um olhar horizontal e panorâmico, porquanto esse rio esconde segredos de correnteza e todo um curso eventual que concebe no efeito desastroso. “Há uma outra zona de transparência em que a superfície entremostra o fundo” (MEYER, 2008, p. 109). Além disso, se mostra como ameaça velada do instinto humano, ou seja, figura como “lodo” ao fundo do inconsciente.

A dissimulação da sombra erótica em cada um de nós, provavelmente, implica-se numa ameaça velada, cujas investidas encontram-se contidas por reservas que atendem aos ditames sociais, por efeito, os apelos da sombra às vezes rompem essas barreiras e revelam múltiplas faces do Ser: animalesca, jocosa, astuta e lasciva. Todavia, a sombra erótica não pode ser anulada, pois assenta-se na hipótese de que essa volição, a exemplo do que será analisado no conto “Miss Algrave”, se remodela o tempo todo e, conseqüentemente, num determinado momento se funde, se mescla aos pensamentos, atos, ações, anseios, desejos e relacionamentos. Então, quando nossos sentimentos não são vividos em plenitude, é possível que a sombra se desloque de maneira invisível e, provavelmente, desestruture o corpo físico e psicológico adjunto ao ambiente que se vive.

Nesse interim, é natural que o ser humano busque agregar elementos sagrados para coibir as inferências profanas radicadas no Ser,

considerando que, em grande parte da nossa existência, somos convocados a evocar as pulsões eróticas. Em síntese, a promoção da religião surge como uma busca da dissolução do profano e, por sua vez, possibilita ao ser humano conciliar questões pessoais acomodadas ao mundo espiritualizado implicado no sagrado. A dicotomia que distingue a oposição entre o sagrado e o profano traduz, muitas vezes, a realidade e o esforço humano para permanecer o máximo possível no universo sagrado como uma zona de conforto que, paradoxalmente, pode se tornar desconfortável, já que é humanamente possível o desejo de apreender um mundo profano, no qual a sua totalidade apresenta-se como promessa de uma vida, a exemplo do que será ajuizado em Ruth Algrave, personagem que adita o caráter sagrado ou mítico contíguo ao profano.

A contextualização temática introdutória justifica-se mediante a proposição analítica do conto “Miss Algrave”, de Clarice Lispector, na qual os conflitos do Ser adjuntos à sombra do sexo e seus desdobramentos são minuciosamente analisados pela perspectiva de Deepak Chopra, em o livro **O efeito sombra** (2010), cujos pensamentos filosóficos e espiritualistas tratam das questões que envolvem a sombra e comportamentos psíquicos advindos da infância que, por sua vez, necessitam de aceitação e resiliência. Na perspectiva da infância, a personagem Ruth Algrave também será analisada pelo viés da psicanálise de Melaine Klein que, em seu estudo, intitulado: **Inveja, ingratidão e outros trabalhos** (1981), considera a gratidão e a inveja como comportamentos que se constituem em anseios dicotômicos em que o *modus vivendi* atua como forma de privação desde o nascimento. Klein também ajuíza a respeito das inferências de *Eros* ajustadas às pulsões. Essa inter-relação encontra-se conjunta à compreensão de *Eros* e a aceção erótica de Lúcia Castello Branco, no livro **O que é erotismo** (1984), cuja discussão trata da psique humana multifacetada, na qual salienta que *Eros* é o desejo essencial nos sentidos: paradoxal, incapturável e indomável.

A questão religiosa, com ênfase no erotismo contíguo ao sagrado e ao profano, em conformidade aos pensamentos de George Bataille, nos livros: **Teoria da religião** (1993), **O erotismo** (2017) e Mircea Eliade, em **O sagrado e o profano** (1992). A análise da psicodinâmica das cores encontra-se ajuizada mediante os estudos: **Psicodinâmica das cores em comunicação** (1990), de Modesto Farina,

A Cor como informação (2000), de Luciano Guimarães e **Sintaxe da linguagem visual** (2003), de Donis A. Dondis. Em síntese, discute-se a respeito da temática erótica e seus aspectos psíquicos múltiplos que envolvem o profano e o sagrado ajustados à perspectiva que conjectura questões socioculturais coligadas à religiosidade.

Nessa proposição, apresenta-se a psicanálise freudiana como meio de entender os desígnios que envolvem um Id, um Eu e um Super-eu. Augusto Meyer em “A sombra” e “Da sedução” (2008), os ensaios corroboram, nessa análise, no que se refere à sombra insondável dos desejos e do *pseudo* monstro que habita dentro de cada um de nós. Antônio Vieira é evocado através do livro **Sermões do Padre Vieira** (2010), que corrobora a respeito das questões do Ser *versus* Parecer, na qual pondera-se que reflexo dos olhos, espelho e luz como símbolos essenciais ao autoconhecimento. Nessa leitura interpretativa faz-se também referências aos estudos de Benjamin Moser, Yudith Rosenbaum e Gilda Plastino que debruçaram sobre a escritura da autora.

O conto “Miss Algrave” faz parte da coletânea **A via crucis do corpo**, no qual a escritora demonstra sua coragem em deliberar sobre um tema tão extremado, no que se refere às mazelas sociais que envolvem as mulheres do Brasil relacionadas às questões femininas a partir de meados do século XX. Ressalta-se que a autora não alude ao erotismo apenas na referida coletânea. Porquanto, Clarice Lispector flerta com as questões eróticas, envoltas no princípio de prazer, desde a suas primeiras obras, já que, quando muito jovem, a escritora inaugura a acepção erótica feminina por meio da personagem Luísa do conto “Triunfo”. Também é importante frisar o duelo erótico, demasiado mórbido, entre uma mulher e um animal no conto “O búfalo”, enquanto no conto “Felicidade Clandestina”, a autora retrata o prazer sádico feminino de uma criança que sucede do empréstimo de um livro.

Ademais, no conto “Os desastres de Sofia”, deparamo-nos com o enfretamento, paixão e sadismo de uma menina pelo professor, enquanto no conto “Tentação” configura-se a conotação erótica intrigante que remete à zoofilia/zooerastia, cuja pressuposta perversão erótica destaca-se no ambíguo flerte entre dois seres ruivos, uma menina e um cão bassê. Destaca-se também, a descrição máxima feminina da inaugural masturbação involuntária de um jovem rapaz no conto “O primeiro beijo”. Também, no que se refere aos romances, a exemplificar, apenas dois, em detrimento dos outros, ressalta-se com ênfase no jogo

erótico insaturado como preliminares, em **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres** (1969), no qual se desenvolve um lento, intricado e sensual relacionamento entre uma professora do primário Lóri/Loreley e Ulisses, homem maduro e professor universitário de filosofia. E, no romance **Perto do coração Selvagem** (1943), tem-se a exploração do lado obscuro da alma humana por uma personagem feminina que, por sua vez, revela a dicotomia entre o aprisionamento do Ser e o pulsar e sentir de um coração selvagem.

O efeito sombra em Ruth Algrave: a experiência sensorial erótica malsucedida

Deepak Chopra a respeito do efeito sombra adverte que o ser humano vive o conflito entre o que se mostra como sujeito social em detrimento do que na realidade deseja ser. Essa discrepância entre o Ser *versus* Parecer, quase sempre, se mostra ambígua. Além disso, no âmago de cada pessoa prevalece a dualidade, cujo princípio de natureza dicotômica é ignorado. Desse modo, fala-se em sombra, ou seja, do lado indigesto da índole humana pela qual a natureza revela-se mediante certa obscuridade internalizada. Assim, o espiritualista ressalta: “Há muitos aspectos da vida em que dá para dar um jeito. Infelizmente, a sombra não é um deles. A razão pela qual não se deu fim à sombra em milhares de anos – todo o tempo em que o ser humano tem consciência do seu lado sombrio – é totalmente misteriosa” (CHOPRA, 2010, p. 15). Conforme observação citada, toda vez que o ser humano busca ignorar seus sentimentos de raiva, medo, insegurança, inveja e sexualidade, conseqüentemente, o aspecto sombrio insurge com certo poder implacável. O indivíduo, por conseguinte, é massacrado por esses acometimentos se não houver resiliência e coragem para admiti-los.

Dependentes não sossegam com preceitos fáceis. Seus impulsos mais sombrios já os preocupam sem as repressões normais. Até mesmo o acesso ao simples prazer é negado. Os demônios internos minam e estragam o prazer [...] (2010, p. 23).

Ademais, não há limites práticos na extensão de sofrimento que o inconsciente pode criar, já que as pessoas, por si só, estão sujeitas a sucumbirem a esse fenômeno. É nesse sentido que a análise do conto clariciano, intitulado: “Miss Algrave”, da coletânea **A via crucis do**

corpo¹, busca evidenciar a máxima exemplar literária feminina voltada às questões eróticas e religiosas. No conto, em proposição analítica, a personagem Ruth Algrave ignora as próprias fraquezas que envolvem a sexualidade e, por sua vez, as projetam nos seres à sua volta. Porquanto, o enredo remete a essa dicotomia, cuja rivalidade e dualidade de caráter envolvem a jovem recatada e virgem. O comportamento social de Ruth Algrave é comparável às pessoas conservadoras em extremo que conseguem reconhecer pecados e lascívia numa realidade quase natural. Na perspectiva de mundo da personagem, o seu espaço social era visto como um ambiente propício aos deleites e aos pecados da carne. Nessa conjuntura, ao seu modo de ver o mundo, “tudo era pecado”. E, então, como enfrentamento à problemática, ela escrevia cartas ao *Time* com críticas a respeito do tema. Entretanto, revela-se aqui um “*spoiler*” indispensável, pois, num certo dia, a jovem é visitada e possuída sexualmente por um Ser de Saturno. A personagem gostou tanto da experiência erótica que, conseqüentemente, se tornara prostituta e passou a viver uma vida de luxúria e pecado na expectativa da volta do seu amado na próxima lua.

No decorrer da história, Ruth Algrave desloca-se de uma conduta extremamente “Santa” conservadora a outro comportamento de aceção lasciva. Diante disso, pode-se observar que a personagem apreende a

¹ Na coletânea **A via crucis do corpo**, publicado em 1974, revela-se uma Clarice Lispector implicada no teor pornográfico. Os contos da coletânea destacam-se sob a perspectiva da sexualidade como algo que, diretamente, influi no comportamento das personagens. Nessa coleção, Clarice Lispector se permite dizer tudo, ou quase tudo. Assim, as personagens revelam suas múltiplas naturezas correlatas ao erotismo e ao sexo de modo surpreendente. A autora destaca o erotismo e as questões que envolvem a sexualidade submergidas da realidade. As situações encontram-se ficcionadas e, por sua vez, seria possível, na realidade, se as personagens se libertassem do conservadorismo implacável e dessem vazão aos seus desejos livres das inibições e dos escrúpulos. Nos treze contos dispostos, exclusivamente três não tematizam à questão erótica, a saber: “O homem que apareceu”, “Por enquanto” e “Dia após dia”, nos quais a autora fala de si mesma, inclui-se os prós e os contras da decisão de escrever uma coletânea erótica em inter-relação às datas comemorativas e expressivamente do fazer literário. Os outros dez contos, somados com “Miss Algrave” remetem às múltiplas questões que envolvem as mulheres e suas sombras sexuais, tais como: *Ménage à trois* em “O corpo”; a profanação do sagrado em “Via crucis”; a sexualidade e sensualidade feminina aflorada na juventude e também na velhice nos contos: “Ruído de passos”; “Antes da ponte Rio-Niterói”, “Praça Mauá”; “Melhor do que arder” e “Mas vai chover”. A questão do estupro/violência contra mulher figura em “A língua do P”; a homossexualidade e prostituição são inferidas em o conto “Ele me bebeu”.

perspectiva freudiana, porquanto sua psique incide nas questões envoltas no Id, no Eu e no Super-eu. Assim, a jovem pudica, no que se refere ao princípio do prazer, opta pelo instinto de *Eros* que rege o processo psíquico, já que o Eu mediante sua relação com *Eros* sucumbe aos investimentos do Id, no que compete analisar a libido da personagem. O viés da psicanálise ressalta que “À medida que se apodera de tal forma da libido dos investimentos objetais, arvora-se em único objeto de amor, dessexualiza ou sublima a libido do Id, ele trabalha de encontro às intenções de *Eros* [...]” (FREUD, 2011, p. 57). De tal modo, Ruth Algrave se torna dependente dos impulsos instintivos eróticos e contraditos, pois o investimento lascivo sucede na descarga que desloca a libido e suas vontades a serviço do princípio do prazer.

No primeiro enunciado do conto, a voz narrativa, em terceira pessoa, ressalta que Ruth Algrave tinha consciência de que seria julgada, por isso não contava a verdade dos fatos a ninguém, porquanto, se contasse, ninguém acreditaria na realidade, já que, conforme acepção chopraniana, “Dentro de cada um de nós há uma voz que persiste em julgamento. Podemos chamá-la de consciência ou superego, mas é uma voz que não vem de um juiz de fora, ou de nossos pais” (CHOPRA, 2010, p. 67). Nessa circunstância, essa voz tanto consciente quanto inconsciente age em nossa mente sem manifestar o efetivo juízo de que é a nossa própria voz julgadora. Conforme afirma o estudioso: “A voz que rotula como errado ou mal é um personagem de ficção, e o que você perceberá é que esse personagem nunca tem compaixão” (2010, p. 67). Ou seja, para manter o poder sobre seu Ser essa voz interna, no caso da personagem, busca intimidá-la.

A história do conto “Miss Algrave” enfatiza o comportamento de uma personagem sucumbida pelo ambiente sociocultural que ela considera promíscuo e, por causa disso, termina por lutar contra o efeito sombra que surge da sua consciência. “Mas ela, que morava em Londres, **onde os fantasmas existem nos becos escuros, sabia da verdade**” (LISPECTOR, 2016, p. 529, grifo nosso). O enunciado destacado encontra-se de acordo com a força advinda da sombra que, por sua vez, revela o lado humano obscuro e temível que, normalmente, aflora quando há total anonimato. “A ausência de lei e ordem amplifica o efeito, assim como ocorre quando se tem permissão para agir além da moralidade normal” (CHOPRA, 2010, p.33). A perspectiva da voz narrativa promove uma série de considerações para situar o leitor, diante

dos fatos narrados, antes de revelar o grande acontecimento que necessariamente muda, de forma radical, a conduta psicológica e social de Ruth Algrave.

A jovem levava uma vida aparentemente normal, porém era atormentada por uma lembrança da infância que remetia a certo sentimento de culpa. Conforme o texto: “[...] quando era pequena, com uns sete anos de idade, brincava de marido e mulher com seu primo Jack, na cama grande da vovó. E ambos faziam tudo para ter filhinhos sem conseguir” (LISPECTOR, 2016, p. 529). Essa experiência infantil malsucedida é de suma importância para o leitor entender o comportamento dual da personagem. A proposição do médico e espiritualista indiano ressalta que as crianças, por natureza, se permitem a leveza da vida. Entretanto, essa energia cósmica dura pouco tempo, pois, essencialmente, na infância, surgem as primeiras tendências de culpabilidade que levará o adulto a sofrimento e repressão. Disso, consideramos importante a recomendação chopriana: “É por isso que reconstruir o corpo emocional, em longo prazo, é a melhor estratégia para todo mundo – seu futuro depende da eliminação do seu passado” (CHOPRA, 2010, p.69). Clarice Lispector lança essa conjectura ao ressaltar que a jovem virgem apresentava traumas da infância para que o leitor entenda o seu comportamento confuso. Conforme a psicanálise, antes dos pressupostos freudianos, a fase da infância era ignorada nos estudos clínicos, pois os psicanalistas acreditavam que esse período incidia na máxima de uma vida feliz para a criança.

Desse modo, não se levava em atendimento psicanalítico às diversas perturbações apresentadas pelos infantes. Porquanto, é por meio das proposições freudianas que essa advertência psicanalítica passa a ser relevante. “As descobertas de Freud têm-nos ajudado, no decorrer do tempo, a entender a complexidade das emoções da criança e têm revelado que as crianças passam por sérios conflitos” (KLEIN, 1991, p.281). Nesse *ad interim*, a estudiosa ressalta que esse novo paradigma permitiu a promoção de uma compreensão mais efetiva da mente pueril e das suas vinculações e resiliências com as problemáticas da vida adulta.

A princípio, como já salientado, a personagem de Ruth Algrave apresenta um comportamento conservador ao extremo que, de algum modo, remete aos traumas da sua infância relacionados a sua experiência erótica, supostamente malsucedida com o primo Jack. “Se ela era

culpada, ele também o era” (LISPECTOR, 2016, p.527). Na acepção que incide ao efeito sombra, as experiências aparentemente traumáticas, na infância, precisam ser reconhecidas sem culpas, pois essa é a atitude adequada para evitar comportamentos negativos na fase adulta. Recomenda-se repetir o seguinte mantra: “Você não tinha escolha, porque o sentimento foi secretamente guardado, depois permaneceu escondido. Dessa forma você não fez nada de errado. Os sentimentos antigos ficaram perto para protegê-lo de se ferir do mesmo modo” (CHOPRA, 2010, p.60). Essa prática psicofísica pode ser um caminho para aceitação do Eu e da Sombra que teimam em suscitar equívocos. Nesse sentido, se Ruth Algrave fizesse as pazes com seu passado, isto é, tivesse reconhecido seu problema, teria transformado a experiência erótica da infância em algo positivo. Entretanto, ocorreu o oposto, pois aquilo que existia no inconsciente não se perdeu na memória e influenciou negativamente sua personalidade.

Segundo estudos da psicanálise, se olharmos para nosso comportamento sociocultural sob a conjuntura do viés fantasiado, na infância, pode-se efetivar a consciência da ascendência do problema e, desse modo, compreender a mente, os hábitos e as acepções emocionais independentemente da complexidade advinda da sofisticação manifesta na vida adulta. “Muitos fatores contribuem para esse desenvolvimento: o impulsionamento da libido, a crescente integração do ego, das habilidades físicas e mentais e a adaptação progressiva ao mundo externo” (KLEIN, 1991, p. 73). Esse universo externo, em “Miss Algrave”, permite considerar a forma como a jovem se comportava em sociedade.

A personagem era solteira, casta, e só se alimentava de legumes e frutas porque considerava pecado comer carnes. Essa visão extrema de tudo que os implica em mal-estar à Ruth Algrave. “Quando passava pela Picadilly Circus e via mulheres esperando homens nas esquinas, só faltava vomitar. Ainda mais por dinheiro! Era demais para se suportar. **E aquela estátua de Eros**, ali, indecente” (LISPECTOR, 2016, p. 529, grifo nosso). Nesse trecho, além das ojerizas apresentadas em relação ao outro, a sombra erótica de efeito traumático da criança evoca o viés conservador da personagem. A figura de *Eros*, de algum modo, rememora o órgão sexual infantil do primo Jack e, por conseguinte, reaviva lembranças que incidem em culpa para a personagem. “Essas tendências estão ligadas ao processo de formação de símbolo, o qual

capacita a criança a transferir não somente interesse, mas também emoções e fantasias, ansiedade e culpa, de um objeto para outro” (KLEIN, 1991, p. 73). Assim, o efeito nauseante causado pela visão de mundo e comportamento sexual da personagem advém de certa influência da primeira acepção erótica apreendida na sua infância. Porquanto, na fase adulta promove a inter-relação indutiva com as figuras simbólicas da luxúria que reaparecem com frequência no seu cotidiano.

Efetivamente, no que alude à temática erótica apresentada no conto, a referência à estátua de “*Eros*” remete ao ponto núcleo, já que o processo de domínios de *Eros* se realiza como expressão de nostalgia e completude, isto é, na falta de algo não consumado, Ruth Algrave se apega a um ser fantasmagórico de Saturno. “Há alguns processos humanos que se circunscrevem ao domínio de *Eros* e que se realiza como expressão dessa nostalgia de completude, desse desejo de conexão com o cosmo” (BRANCO, 1984, p. 12). Também pode-se considerar, segundo a estudiosa, o elemento que advém dos domínios de *Eros* pela a ameaça velada que ronda a ordem social, especificamente no que pressupõe mencionar a questão erótica pelo viés feminino, pois a acepção de plenitude é encontrada através da procriação, cuja capacidade de gerar outro Ser encontra-se vinculada ao poder feminino pela sua capacidade natural de gerar filhos e, por sua vez, poder vivenciar a totalidade da origem da vida.

No que pressupõe a perspectiva da falta na personagem de Ruth Algrave que, de algum modo, pelo seu comportamento arredo, reivindica o imperativo de completude. De tal modo, a zona erógena cede a sua intensidade e fortalece o instinto, cuja função indutiva se torna fonte de todo conservadorismo que demanda à negação das projeções de *Eros*. Essa temática voltada para a questão da completude e falta foi abordada por Gilda Plastino, pois a estudiosa conclui que a acepção da falta se manifesta constantemente nas personagens femininas da ficção clariciana. “Na verdade, nos textos de Clarice há vários motivos recorrentes, dentre eles ‘o vazio’, a sensação de que a torrente da vida estancou, a solidão, a ausência de si mesmo, que conotam a sensação de falta e perda” (PLASTINO, 2008, p. 144, aspas no original). Em síntese, as personagens claricianas se mostram no limite da consciência individual que resulta no desejo de transgredir os espaços e ditames socioculturais demarcados às mulheres.

Nesse sentido, toda vez que a jovem casta se mostrava uma conservadora extremosa, cujo estado psicológico pondera a hipótese de que ela se encontrava no limite de suas forças e pressupõe uma luta contra a necessidade de transgressão desmedida que revelaria a consciência do seu Eu real e legítimo. “De maneira tortuosa ou torturada, Eros insistia em se fazer ouvir, mostrando-nos que, esvaziado pelas leis de Deus ou fragmentado sob as luzes da ciência, o corpus podia ser ainda um corpo. Adormecido, talvez. Mas definitivamente morto” (BRANCO, 1984, p. 55). Dessa acepção, o enredo do conto demonstra que a personagem mortificava os desejos, mas quanto mais lutava contra a sombra do erotismo. É preditivo que esse enfretamento a enfraquecia e, por sua vez, o lado sombrio venceria e revelaria o seu verdadeiro caráter.

A psicodinâmica das cores: o cromatismo como indicativo simbólico em “Miss Algrave”

No conto “Miss Algrave” a voz narrativa lembra que a jovem, descendente de irlandeses, era datilógrafa e o patrão o considerava uma secretária perfeita, pois ele a olhava sempre com muito respeito e a chamava de Miss Algrave. Conforme entrecho: “**Era ruiva**, usava os cabelos enrolados na nuca em **coque severo**. Tinha muitas sardas e pele tão clara que parecia uma **seda branca**. Os cílios também eram ruivos. Era uma mulher bonita” (LISPECTOR, 2016, p. 530, grifo nosso). A voz narrativa destaca a austeridade na postura da personagem a exemplo da forma que prendia os cabelos. Essa ênfase pressupõe que ela buscava aparentar certa idade a mais do que realmente tinha. Os adjetivos grifados, referente às cores, não se encontram dispostos no texto, de modo gratuito, uma vez que o cromatismo do vermelho envolto no ruivo efetiva à ideia do fogo, enquanto que o branco remete à pureza e à inexperiência. De tal modo, ao destacar cores tão dispares, mediante associação cromática, a descrição implica pressupor que a personagem transita entre a pureza do branco submerso no sagrado. No seu contrário, o conjunto cromático do ruivo adjunto ao vermelho promove a perspectiva simbólica que termina por dominar a personagem a transitar para o comportamento profano.

De caráter associativo, a perspectiva erótica que incide das cores encontra-se conexa aos inúmeros significados, cujos referentes são

simbólicos. “Como percepção a cor é o mais emocional dos elementos específicos ao processo visual, ela tem grande força e pode ser usada com muito proveito para expressar ou intensificar a informação visual” (DONDIS, 2003, p. 69). Assim, a cor ruiva contrasta entre o amarelo e o vermelho e conota significativamente ao estado de espírito desejoso (luz/vibração) da personagem, ou seja, reafirma a perspectiva dos desejos libidinosos, enquanto que a cor branca remete à necessidade de conservar o aspecto da inocência dúbia vinculada à conjuntura erótica da infância. “Enquanto o tom está associado a questão de sobrevivência, sendo, portanto, essencial para o organismo humano, as cores tem maiores afinidades com as emoções” (2003, p. 64). Nesse aspecto cromático pode-se observar que a cor ruiva, coligada ao vermelho se contextualiza como presença constante em todo o enredo e, por sua vez, incide no erotismo pela conjuntura do fogo. Em alguns momentos da história, a acepção cromática promove a euforia e a disforia, considerando que as cores quentes agenciam a euforia e, por extensão, agrega a tríade: segurança, coragem, determinação nas atitudes da personagem. Enquanto a cor branca incide no aspecto disfórico, cujo indicativo de pureza evoca à tentativa de desarticular a possibilidade de invasão da sombra erótica lasciva.

A forma como a personagem se comporta, sua preferência por refeições, o modo que se veste, como arruma os cabelos implica no fenômeno erótico pacificado pela sua aparência que reafirma os desejos, ou seja, as vontades que tenta esconder internamente, a exemplo do coque severo que revela certa austeridade no seu dia a dia. Desse modo, através das suas ações inconscientes, considerando o confronto e a associação cromática, reiterada no vermelho, Ruth Algrave busca o seu contradito. “Costumava jantar num restaurante barato em Soho mesmo. **Comia macarrão com molho de tomate. [...]. Cultivava gerânios vermelhos** que eram uma glória na primavera” (LISPECTOR, 2016, p. 530, grifo nosso). Observa-se que a voz narrativa associa os elementos visuais cromáticos, cujos dêiticos advertem sobre o que será revelado como acontecimento marcante.

A cor vermelha, principalmente, as flores, conforme imaginário coletivo, representam a ideia e estado de paixão. Porquanto, em essência, por um lado o vermelho está relacionado ao sangue e, por outro lado, surge como alerta à personagem, pois concorre para o perigo da tentação carnal. Essa acepção máxima das cores, conota a consciência

do mundo que os rodeia e, por sua vez, abre múltiplas possibilidades de transmissão de ideias. “Na realidade, a cor é uma linguagem individual. O homem reage a ela subordinado às suas condições físicas e as suas influências culturais” (FARINA, 1990, p. 27). Logo, conforme estudioso, as cores são fatores imbuídos de carga psicológica capaz de dominar as vivências tanto passiva como ativas da condição existencial humana. Além disso, a cor vermelha remete à conjuntura das relações por meio de acepções paradoxais:

[...] dinamismo, força, baixeza, energia, revolta, movimento, barbarismo, coragem, furor, esplendor, intensidade, paixão, vulgaridade, poderio, vigor, glória, calor, violência, dureza, excitação, ira, interdição, emoção, ação, agressividade, alegria comunicativa, extroversão (FARINA, 1990, p. 113).

No conto é evidente que os movimentos e comportamentos de Miss Algrave efetivam-se por meio da maioria dos contrastes destacados. Assim, é plausível ponderar que as cores são vibrações contraditórias: eufóricas ou disfóricas que acometem a natureza humana na sua estrutura psíquica e fisiológica que, no caso de Ruth Algrave, coaduna com as questões ligadas à sexualidade e suas múltiplas implicações socioculturais.

É evidente a recorrência da inserção das cores quentes com prevalência para a cor vermelha, cuja representação semiótica alude à conjuntura erótica, isto é, funciona como acepção preditiva para o fato marcante que será revelado no decorrer do enredo, uma vez que os elementos sagrados são sobrepostos pelo profano, conforme destacados abaixo:

Levava uma Bíblia para ler. Mas – que **Deus** a perdoasse – **o sol estava quente**, que não leu nada, ficou só sentada no chão sem coragem de se deitar (p. 530).

Às sete horas voltou para casa. Nada tinha para fazer. Então tricou um suéter para o inverno. **De cor esplendorosa: amarela como o sol** (p. 531).

Ixtlan tinha sobre a cabeça uma coroa de cobras entrelaçadas, mansas pelo terror de poder morrer. O manto que cobria o seu corpo era demais **sofrida cor roxa, era ouro mau e púrpura** coagulada (p. 533).

A prova que tudo aconteceu era o lençol **manchado de sangue** (p. 534).

Viu a madrugada nascer cor-de-rosa (p. 534).

Deus iluminava seu corpo (p. 534).

A carne sangrenta era ótima. E tomou **vinho tinto** italiano (p. 534).

Ficou furiosa, porém, quando ele não quis acreditar na sua história. Mostrou-lhe, quase até o seu nariz, **o lençol manchado de sangue** (p. 536).

Tinha vontade de comprar um **vestido vermelho** com o dinheiro que o cabeludo lhe deixara. Soltara os cabelos bastos que eram uma **beleza de ruivos** (p. 536).

Antes compraria um **vestido vermelho** decotado [...] (p. 536).²

Como se pode observar, o vermelho descrito, em demasia, demonstra que a associação de cores dispostas, de algum modo, atua no sistema nervoso de Ruth Algrave e, nesse caso, estende os estímulos à pulsação erótica, seja quando ela busca vestir-se ou na escolha dos alimentos. “Vermelho. Estimula as emoções. Perturba o equilíbrio de pessoas normais; mau temperamento, fortes dores de cabeça, morbidez, degeneração moral” (FARINA, 1990, p. 121). Nessa conjuntura, pode-se ajuizar que a jovem personagem sucumbiu aos efeitos psicológicos e fisiológicos do cromatismo experienciados cotidianamente de três formas sensoriais: visual, tátil e olfativa que, por conseguinte, promoveu múltiplos sentimentos eróticos contraditos e terminaram por causar impactos ambíguos no comportamento social da jovem.

Efetivamente, no sentido de produzir efeito estimulador, as cores quentes promovem a energia e a intensidade como promessa de extravasamento da libido, considerando que sua ativa recorrência pressupõe a máxima potência erótica que remete à força motivadora de exterioridade profana. Assim, o vermelho também funciona, no conto “Miss Algrave”, como duas espécies de energias eufórica e disfórica, já que a personagem transita tanto no universo sagrado quanto no profano. É evidente que Clarice Lispector se mostra como exímia profanadora

² Todos os enunciados dessa citação encontram-se na referência: LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Org. Benjamim Moser. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. De tal modo que são trechos de inúmeras páginas, cujos grifos ou destaques são nossos, por isso optou-se apenas pela referência numérica das páginas.

das coisas sagradas. Esse viés literário se manifesta materializado, essencialmente, na coletânea de contos: **A via crucis do corpo** (1974), cujo próprio título do livro implica no aspecto profanador, pois rememora a *Via crucis* de Jesus Cristo. Segundo estudiosa da ficção de Clarice: “Os contos abordam prostitutas, travestis, mendigos e marginais que vagueiam pelas noites cariocas. A linguagem é direta, bruta e chocante (ROSENBAUM, 2002, p.87). É perceptível que a ficção clariciana, nessa coletânea, apresenta personagens envoltas na excitação do mundo profano. Nesse contexto, a autora desvela ficcionalmente a consciência de um mundo cão.

Ainda, no que compete discutir a psicodinâmica das cores, o vermelho apresenta múltiplas representações na conjuntura religiosa, considerando o pensamento Judaico-cristão, cujo sentido pode ser positivo como também negativo. Conforme assertiva: “Vermelho, cor do amor divino. Assim, em sentido positivo buscaria toda a sua força no sangue de Cristo, sendo para a cultura cristã, [...], o vermelho-fogo, a cor de Pentecostes e do Espírito-Santo (GUIMARÃES, 2000, p. 118). Além disso, o vermelho também remete ao oposto, pois trata-se de um jogo dicotômico entre Deus *versus* o diabo, pureza *versus* pecado e bem *versus* mal. Enquanto que no paganismo greco-romano, por sua vez, o vermelho indica uma cor dionisíaca. “[...] o vermelho é mais forte: é a cor da maçã do paraíso (fonte do pecado), do vinho e das vestimentas de Baco, de Dionísio, do amor carnal, da paixão, do coração, dos lábios, do erotismo e da atração” (2000, p. 118).

No que se refere ao sol, muitas vezes, com influência coercitiva constante em Ruth Algrave que, em essência, parece reconhecer a síntese das cores amarela e vermelha. “A paixão aquece como fogo” (2000, p. 118). Nessa acepção, as cores quentes evocam a representação do seu ardor erótico (fogo) que, ao mesmo tempo, aquecem e o transformam, pois, nessa dinâmica, o fogo pode ser o salvo-conduto para a promessa de efetivação dos desejos libidinosos da personagem. “Como se trata da cor vermelha, mais amarelada, carrega consigo o calor e o brilho do sol” (GUIMARÃES, 2000, p. 118). Nesse sentido, o vermelho funciona de modo dual, isto é, positivo e negativamente como se fosse um sistema de alerta do corpo da personagem. “Vermelho, cor da imposição, o vermelho é a cor ‘do dizer não’. A ele atribuímos os conceitos de cor dinâmica expansiva, e que é, de todas as cores, a mais permanente” (2000, p. 118). Dessa assertiva, pode-se pressupor a razão

de a voz narrativa impetrar recorrentes alusões ao vermelho. “A cor da transgressão torna-se a cor da proibição. O pecado é assimilado também como proibição e interdição e, do medo de tocar no fogo como perigo” (2000, p. 118). Assim, pressupõe-se que a personagem escrevia cartas ao *Time* no exercício de corroborar com a autoafirmação dos aspectos sagrados, cujo objetivo era confrontar e resistir as exterioridades sensoriais vivenciadas no seu ambiente que incidem do arcabouço de erótico de natureza profano.

O sagrado e o profano como duas modalidades do ser no mundo *versus* euforia e disforia

A personalidade limítrofe de Ruth Algrave encontra-se pautada na fronteira que separa o binômio sagrado e profano, cujo contexto cultural somados à perspectiva mística religiosa promovem sentidos às pessoas, atos e coisas mediante o modo de ser e estar no mundo. “O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado” (ELIADE, 1999, p. 19).

Como já se sabe, no conto em análise, a voz narrativa dispõe de elementos discursivos, cujas informações difundidas corroboram no sentido de promover certa elaboração mental do que será revelado. A essência do desfecho da narrativa funciona como efeito metafórico da intersecção entre duas águas, por exemplo, a jovem abandona o demasiado viés sagrado e, ao fazer a travessia sucumbe no excessivo viés profano. Sendo assim, é plausível considerar que o leitor, diante da revelação do ocorrido, poderá fazer inter-relações entre o antes e o depois e, por conseguinte, indicar hipóteses a respeito da conduta conservadora *versus* lasciva da jovem.

Os referentes semióticos religiosos, dispostos no conto, pressupõem as manifestações antagônicas. “Seu pai **fora pastor protestante** e a mãe ainda morava em Dublin com o filho casado. Seu irmão era casado com uma **verdadeira cadela** chamada Tootzi” (LISPECTOR, 2016, p. 530, grifo nosso). Esses termos destacados remetem à ideia de que a religiosidade contígua ao sagrado é manifesta para confirmar a realidade sociocultural da personagem, porquanto as dicotomias entre certo e o errado coexistem por interdependências. “É

certo que a linguagem exprime ingenuamente o *tremendum*, ou a *majestas*, ou o *mysterium fascinans* mediante termos tomados de empréstimo ao domínio natural ou à vida espiritual profana do homem” (ELIADE, 1992, p. 12, *itálico do autor*). Conforme estudioso, o ser humano necessita do sagrado como uma forma absoluta de contrapor o perigo que advém do profano. “O leitor não tardará a dar-se conta de que o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história” (1992, p. 15). O trecho é análogo às informações a respeito da religiosidade de Miss Algrave que experimenta as duas formas de ser e estar no mundo. Essa distinção “eufórica e disfórica”³, cuja disparidade de sentido permite avaliar as dimensões possíveis da existência humana inseridas na oposição paradoxal que envolve os esboços do sagrado e do profano.

Conforme a voz narrativa, Ruth Algrave escrevia cartas de protesto ao *Time* que, por conseguinte, via com bons olhos a sua perspicácia a respeito do comportamento “dito” padrão social aceitável.

O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente – e não numa ilusão (ELIADE, 1992, p. 21).

Essa assertiva defende que esse comportamento pode ser verificado em todos os planos da existência humana, cujos comportamentos sociais diversos, quase sempre, encontram-se reféns da perspectiva religiosa. Mas, é evidente que, no âmbito do desejo sexual, o ser humano se constituiu pelo seu estigma religioso e, desse modo, insiste no mover se unicamente num mundo santificado. De tal modo, suas ações consistem em qualificar suas ações mediante instâncias sagradas em confrontação ao profano.

Em “Miss Algrave” o mote religioso da personagem feminina afronta e agencia eliminar tudo aquilo que lhes parece pernicioso a si,

³ A categoria *euforia/disforia* do nível fundamental converte-se em traços modais que modificam as relações entre sujeito e objeto. Assim, um valor marcado euforicamente no nível fundamental converte-se, por exemplo, em objeto desejável no nível narrativo, enquanto um valor disfórico torna-se, por exemplo, um objeto temido no nível narrativo (Cf. FIORIN, 1999).

porquanto escreve suas críticas ao *Time*, cujo objetivo é o enfrentamento, ou seja, a defesa e a construção de um espaço totalmente sagrado que, por sua vez, implica na eliminação extensiva dos seus elementos semióticos vistos como pecaminosos. Nesse sentido, é importante ressaltar o ponto de vista advindo da ciência das religiões.

A fim de compreendermos melhor a necessidade de construir ritualmente o espaço sagrado, é preciso insistir um pouco na concepção tradicional do ‘mundo’: então logo nos daremos conta de que o “mundo” todo é, para o homem religioso, um “mundo sagrado” (ELIADE, 1991, p. 21, aspas do autor).

Basicamente, não se trata dos valores estéticos religiosos concedidos à natureza humana, mas esses elementos de cunho social estão inter-relacionados a judicioso sentimento confuso e difícil de definir, no qual, ainda, se reconhece a recordação de uma experiência religiosa, cujo preceitos constituídos, para muitas pessoas, só permitem o olhar degradante e preconceituoso em detrimento de toda visão humanista de aceitação do outro, isto é, vivem a essência da “negação”, pois não admitem o comportamento livre, o diferente, a busca pelo conhecimento, a constatação científica e, principalmente nega a realidade estabelecida nos fatos e nas verdades históricas.

Isto prova, ao que parece, que as imagens exemplares sobrevivem ainda na linguagem e nos estribilhos do homem não religioso. Algo da concepção religiosa do Mundo prolonga se ainda no comportamento do homem profano, embora ele nem sempre tenha consciência dessa herança imemorial (ELIADE, 1992, p. 30).

No interior humano, a essência do mundo divino, no que se refere aos elementos sacros/puros são confrontados pelos subsídios nefastos/impuros. Nessa proposição, as atitudes e ações de Ruth Algrave, a princípio, parecem distanciadas da conjuntura profana. Porquanto, observa-se que a personagem cria um divisor de águas no seu ambiente pelo modo de ser e estar no mundo. Ao realizar a transição do seu comportamento conservador dominante resgatado no pensamento refletido nos seus traumas de infância, por conseguinte, sucedem em comportamentos opostos. Esse outro estado de espírito deflagra a nulidade, isto é, o apagamento das reservas “ditas” virtuosas

para a efetivação do prazer carnal. Nesse contexto, “[...] se transforma no homem da coisa autônoma, mais do que nunca o homem se afasta de si próprio. Essa completa cisão abandona decididamente sua vida a um movimento que ele não comanda mais, [...]” (BATAILLE, 1993, p. 42). Disso, é certo que a cultura religiosa apresenta a expectativa de que as acepções e alusões a respeito das coisas sagradas estão inter-relacionados à noção de pureza que contrasta ao profano.

O comportamento da personagem evidencia que, mesmo já inserida no contexto “dito” pecaminoso, as referências religiosas demarcam a visão sociocultural de seu mundo, visto que os elementos de cunho religioso definem as suas conjecturas, na maioria das vezes, contraditórias, conforme enunciados⁴ destacados abaixo:

Levara uma bíblia para ler (p. 530).

Mas se assim **Deus queria**, que então fosse (p. 531).

Como deixava arroz cru na janela, os pombos vinham visitá-la. Às vezes entravam-lhe no quarto. **Eram enviados por Deus** (p.532).

Como era bom, **meu Deus** (p. 533).

Como era domingo, foi ao canto coral. Cantou melhor do que nunca e não se surpreendeu quando a escolheram para solista. Cantou a sua aleluia. Assim: **Aleluia! Aleluia!** (p. 535).

Essas aferições do sagrado podem parecer, ao leitor, um misto de profanação implicada na figura divina, especificamente, de Deus, porquanto para Ruth Algrave estabelece a busca da intimidade perdida com o sagrado. Observa-se que ela só consegue o protagonismo de solista, a partir do momento que se encontra sexualmente plena e satisfeita. As constantes recorrências aos elementos sagrados podem ser parte do esforço e da consciência culposa. E, desse modo, figura como representação tragicômica do seu estado de completude, uma vez que, ao agregar, em si, as concepções sagradas e profanas, ela incide em situações ambíguas de prazer e êxtase. E, por conta dessa completude, aparentemente adversa, ela acredita que seus atos profanos estão referendados no sagrado.

Dessa situação, pode-se ponderar que houve o deslocamento da imanência divina que propõe, de modo sugestivo, que tudo ao nosso

⁴ Idem nota de rodapé, número 3.

redor parece perigoso, porque seu viés pecaminoso sob a evocação contagiante do sagrado advinda dos espíritos fastos destrói tudo que se aproxima e, por sua vez, promove uma resiliência ambígua.

[...] os espíritos fastos são mediadores entre o mundo profano e o desencadeamento das forças divinas – e comparados às divindades negras parecem menos sagrados (BATAILLE, 1993, p. 33).

Conforme o pensador, a divisão paradoxal, no que compete refletir as contradições humanas, inclusive, espírito e carne encontram-se pautados na matéria jocosa do corpo, pelo qual pode-se apreender a sensibilidade natural pela efetivação do prazer que ocasiona a acepção absurda do binômio erótico, cujos caracteres somados ao sagrado e ao profano se concretizam.

A personagem, ao abandonar práticas extremas de conservadorismo e, no seu oposto, sucumbir à máxima da libertinagem experimenta a movediça e perigosa linha tênue entre o sagrado e o profano. “E por não estar no mesmo nível, mas sim atravessando uma coisa ameaçada em sua natureza (nos projetos que a constituem), que, no tremor do indivíduo, a intimidade é santa, sagrada e coroada de angústia” (BATAILLE, 1993, p. 25). Essa definição corrobora na compreensão do sentimento de evocação ao sagrado quando a personagem se deparava com situações, sob seu ponto de vista, pecaminosas que causavam ojeriza, náusea e aflição. A sua conduta casta é asseverada ao máximo da autossabotagem. “Tomava banho só uma vez por semana, no sábado. Para não ver seu corpo nu, não tirava nem as calcinhas nem o sutiã” (LISPECTOR, 2016, p. 530). Bataille ressalta que a nudez se opõe ao estado fechado, ou seja, a nudez de Ruth Algrave, nesse contexto, seria uma espécie de descontinuação que o estado de comunicação e desnudamento revelam sob a busca de uma continuidade possível que, de certo modo, vai além do processo de sabotagem.

Sendo assim, é pressuposto que a personagem tinha consciência do efeito sombra, isto é, dos canais secretos que o levaria ao sentimento e estado desejanste de luxúria. “A obscenidade significa a perturbação que desordena um estado dos corpos conforme à posse de si, à posse da individualidade duradoura e afirmada” (BATAILLE, 2017, p. 41). A imposição e sabotagem da nudez é tão complexa em Ruth Algrave que

legítima a sua verdadeira essência, por isso a moça se vê obrigada a coibir tal ação erótica. “O desnudamento, considerado nas civilizações em que tem um sentido pleno, é, senão um simulacro, ao menos uma equivalência sem gravidade da imolação” (2017, p. 41). Conforme o pensador, que autoproclama “Maldito”, o erotismo dos corpos tem o viés obscuro, pois incide na perspicácia densa e sinistra. “Ele reserva a descontinuidade individual, e isso se dá um pouco no sentido de um egoísmo cínico” (2017, p. 42-43). Essa proibição da aproximação do princípio do prazer contradito, considerando o horror análogo que a jovem, enquanto casta, qualifica os aspectos eróticos envolvidos na sensualidade e sedução como instintos sexuais obscenos e nojentos.

Outro elemento simbólico importante inserido por Clarice Lispector no conto, em estudo, é a perspectiva dual representada pelos espaços onde a personagem transita em vários momentos, pois o lugar intitulado: “Hyde Park” ajusta-se à perspicácia de um comportamento duplo. O nome Hyde encontra-se atrelado ao famoso romance de Robert Louis Stevenson intitulado: **O médico e o Monstro** (1886), cujos fatos tratam de um prestigiado médico conhecido por Dr. Jekyll, o qual desenvolveu uma poção capaz de transformar uma pessoa em outra, totalmente oposta, tanto física como psicológica. Dessa experiência estranha, considerando a possível resolução de que o próprio médico foi cobaia de sua poção medicinal envolta em mágicas e feitiçarias. O uso da substância medicamentosa possibilitou a manifestação ativa do lado sombrio da sua personalidade. De tal modo, o Dr. Jekyll passa a viver sob a duplicidade do seu ser, logo é arrastado na sua identidade real com a do amoral Mr. Hyde. O romance de Stevenson relativiza todas as questões que dizem respeito ao bem e ao mal, o certo e o errado, o natural e incomum, cujo desfecho revela os estranhos acontecimentos e a força da sombra dominadora que incide do monstro e, consequentemente, ocasiona sérios riscos à vida do médico.

O referido livro foi publicado no Reino Unido e, curiosamente, é o local onde mora a personagem de Ruth Algrave. Assim, o nome do Park, intitulado “Hyde”, dispostos nos enunciados abaixo⁵, possivelmente, implicam em uma homenagem ao sucesso conquistado pela personagem de Mr. Hyde pelos leitores ingleses.

⁵ Idem notas de rodapé, números 3 e 5.

Então dirigiu-se ao **Hyde Park** e sentou-se na grama (p. 530).

Também não tinha mais repulsa pelos casais do **Hyde Park**. Sabia como eles se sentiam (p. 534-535).

Depois foi ao **Hyde Park** e deitou-se na grama quente, abriu um pouco as pernas para o sol entrar (p. 535).

Nessa conjuntura, a voz narrativa sublinha o referido espaço, de modo recorrente, sob o misto de ficção e realidade, porquanto, a alusão aos espaços interior e exterior, isto é, abertos (parque) e fechados (quarto), ressalta a máxima dialética que envolve essa geometria na perspectiva de forças adversas.

Ruth Algrave e os instintos: a psicanálise freudiana explica um Id, um Eu e um Super-eu

Na perspectiva analítica de Ruth Algrave, considerando o ponto de vista da psicanálise, especificamente, os estudos freudianos, pode-se observar que a personagem transita através dos instintos entre o Id, o Ego e Superego, nos quais o Id surge como instinto livre, enquanto o Superego surge como oposição, já que se apresenta com extremo conservadorismo. O Ego, por sua vez, se estabelece como ponderador que busca equilibrar os instintos entre o Id e o Superego. Porquanto, na versão em português atualizada, dos estudos de Freud, esses elementos comportamentais são definidos como: um Id, um Eu e um Super-eu. Essa divisão da psique pela psicanálise corrobora para a efetivação do conhecimento humano, cujo sentido infere na compreensão das relações dinâmicas que envolvem as percepções dos instintos.

Nesse ponto de vista, o Id funciona como o grande reservatório da libido do Eu, enquanto o Super-eu funciona como extensão do Eu ideal, isto é, um Super-eu, cujo comportamento demanda um caráter coercivo. Então, o Super-eu se torna a dupla face ideal do Eu, pois estabelece obstáculos apreendidos no seu mundo sob as influências de autoridades, ensino religioso, escola, leituras que se encontram envoltas numa estrutura de repressão severa da libido e autossabotagem. “[...] tanto mais severamente o Super-eu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, **talvez como inconsciente sentimento de culpa**” (FREUD, 2011, p. 43, grifo nosso). O termo grifado adverte para a questão traumática de Ruth Algrave relacionada às práticas eróticas

ocorridas na infância e sua fase adulta movida pelo caráter máximo de conservadorismo advindo da culpabilidade que lhe afligia.

Assim, na perspectiva psicanalítica, pode-se observar que, a princípio, a personagem é descrita sob o domínio do Super-eu, isto é, apresenta uma personalidade extremamente conservadora que sabotava as intenções eróticas do Eu.

Considerando uma vez mais a gênese do Super-eu, tal como foi aqui descrita, nós o vemos como o resultado de dois fatores biológicos altamente significativos: o longo desamparo e dependência infantil do ser humano e o fato de seu complexo de Édipo, que relacionados à interrupção da libido pelo período de latência e, assim, *ao começo em dois tempos* da vida sexual (FREUD, 2011, p. 43, itálico do autor).

Nesse sentido, Clarice Lispector, possivelmente, consciente desses elementos instintivos da psicanálise, inicia sua descrição pela lembrança malsucedida na infância que, provavelmente, agenciou as ações extremadas de conservadorismo que incidem na evolução da experiência traumática contraída na ocasião. E, no decorrer do tempo, a jovem naturalmente sabotava tudo que se mostra ao seu alcance como promessa de prazer e felicidade. De tal modo, sob a culpabilidade de práticas infantis interditas, ela termina por legitimá-las, em suas ações, de forma negativa. Por isso, Ruth Algrave se expressava diante do mundo com advertências de autoproteção mediante múltiplas interpretações do mundo destacadas abaixo:

- a) não comer carne porque considerava pecado;
- b) nunca entrava num local onde se consumia bebida;
- c) considerava a estátua de *Eros* indecente;
- d) escrevia cartas de protesto ao *Time*;
- e) não se permitia ver o próprio corpo nu;
- f) ficava incomodada com os casais que praticavam carícias somadas a beijos no Hyde Park;
- g) não tinha televisão para evitar as imoralidades que apareciam na tela;
- h) acreditava que o beijo fosse um mero meio de transmissão de micróbios;
- i) se incomodava ao deparar com um cachorro e uma cadela grudados fazendo sexo na rua;

- j) acreditava que crianças eram imorais e evitava-as que elas eram o resultado da promiscuidade sexual dos pais;
- k) sentia-se envergonhada pelos próprios pais não terem tido pudor;
- l) quando via pombos em arrulhos acreditava que eram imorais;
- m) se incomodava com as aplicações nas farmácias;
- n) denunciaria a própria rainha da Inglaterra, ao *Time*, por permitir os maus costumes de Londres.

É evidente os elementos que denunciam a projeção do Super-eu na personalidade de Ruth Algrave que, de fato, transfere os desejos fisiológicos e equívocos psicológicos envoltos no erotismo contíguo à sensualidade em ações do cotidiano. Essas atuações da personagem ocorrem de variadas formas, isto é, em um passeio, uma refeição, ou mesmo, em um gesto de afetuosidade, já que, na perspectiva de sua personalidade complexada, era visto como algo sujo e promíscuo. “Então podemos prosseguir, sem maior dificuldade, dizendo que essa libido deslocável trabalha para o princípio do prazer, a fim de evitar represamentos e facilitar descargas” (FREUD, 2011, p. 56). Disso, é importante lembrar que a tentativa em negar a libido não foi o suficiente, ou seja, a energia erótica sublimada termina por ganhar força por intermédio do Eu.

Desse modo, o Super-eu manifesta-se diante de um extremo sentimento de culpa. Essa sombra essencialmente aparece como percepção do Eu, antes consciente que inconsciente, cujas relações instintivas são evocadas no Id. Porquanto, dessa culpa e percepção, o Super-eu desenvolve o extraordinário rigor e dureza para com o Eu.

Voltando-nos primeiro para a melancolia, vemos que o Super-eu extremamente forte, que arrebatou a consciência, arremete implacavelmente contra o Eu, como se tivesse apoderado de todo sadismo disponível na pessoa (2011, p. 66).

Nesse sentido, pondera-se que o componente destrutivo sucede do Super-eu e, por sua vez, volta-se contra o Eu para fazer predominar o arcabouço do instinto sabotador e tirano.

A culpabilidade e o reflexo desses sintomas coagem a jovem a submeter-se cotidianamente aos mantras de culpa, de dor, de solidão e de náusea. “Se era culpada também o era” (LISPECTOR, 2016, p. 528); acresce, ainda, que “Sentia-se ofendida pela humanidade” (2016, p. 530).

Há enunciados que também expressam o estado de isolamento da personagem. “Era difícil viver só. A solidão a esmagava” (2016, p. 531); outros trechos evidenciam demasiadas reservas pela aceitação do sexo até dos próprios pais. “Sentia pudor deles não terem sentido pudor” (2016, p. 532). Em síntese, os enunciados demonstram o quanto o domínio do Super-eu se revela basicamente pelo instinto de culpabilidade mediante um olhar demasiado crítico da realidade. É manifesto que o domínio do Super-eu efetiva-se na personalidade de Ruth Algrave como extremo viés destrutivo. Assim, o rigor e a dureza implicam na jovem virgem certo comportamento arreado, pois, o tempo todo o Super-eu vive em confronto com o Eu e, por isso, determina com a melhor das intenções, a pressupostas aceções de “amparo” e “segurança”. É conclusivo que, paradoxalmente, o Super-eu desempenha a função de protetor e salvador do Eu.

Entretanto, a decorrência de dominação é suprimida quando o efeito sobre o Eu, por intermédio do Id, possibilita uma mudança de paradigma para Miss Algrave e, por conseguinte, os instintos do Id ganha proporcionalidade expressiva adversa, já que, a partir do dia que ela recebe a visita de um “Ser de Saturno” chamado Ixtlan muda radicalmente. Nesse dia, Ruth Algrave sentiu que entrava pela janela uma coisa que não era um pombo. Mesmo assustada a jovem indaga o estranho vulto que a responde em forma de vento. “Eu sou eu” (LISPECTOR, 2016, p. 532); e acrescenta: “-Vim de Saturno para amar você” (2016, p. 532); Miss Algrave não via o tal ser de Saturno, apenas sentia. Esse sentir rememora o sagrado encontro de Maria com Espírito Santo descrito nos evangelhos e reafirma a proposição profanadora do sagrado que advém da escrita de Clarice Lispector. Na sequência: “E sentia-o mesmo. Teve um *frisson* eletrônico” (2016, p. 532). Assim, ela pergunta o nome dele que sugere ser chamado de Ixtlan. De repente, o ser de Saturno ganha forma. “Ixtlan era branco e pequeno” (2016, p. 533), ele ordena que ela tire a roupa. “Ela tirou a camisola. A lua estava enorme dentro do quarto. [...]. Deitou-se ao seu lado na cama de ferro. E passou as mãos pelos seus seios. **Rosas negras**” (2016, p. 533, grifo nosso). Nesse trecho, pode-se observar na descrição figurada, uma vez que ressalta os seios metaforizados em rosas negras, porquanto o fato de nomear os bicos dos peitos como rosas acentua a perspectiva de mudança no posicionamento diante das questões *tabus*, pois há o reconhecimento do próprio corpo que, anteriormente, era negligenciado.

Nessa perspectiva, a intervenção do Eu sucumbe ao Id que é movido pelo princípio do prazer e, por isso, Ruth Algrave se deixa dominar pela libido do Id e, portanto, se efetiva como pessoa ideal que se move por meio do investimento libidinal narcísico, cujo abandono ao seu outro ideal de vida amparado no Super-eu é consolidado. Esse instinto permanece no objetivo consumado de não viver em função do princípio do prazer. “Ela nunca tinha sentido o que sentiu. Era bom demais. Tinha medo que acabasse. Era como se um aleijado jogasse no ar o seu cajado” (LISPECTOR, 2016, p. 533). Após o arrebatamento de prazer, a jovem passa a fazer declarações de amor ao “Ser de Saturno”. Miss Algrave quer saber quando ele voltaria e, então, Ixtlan responde que voltaria na próxima lua. A jovem, então, reclama que iria morrer de saudade e, se pergunta, o que faria até que ele voltasse?

Essa problemática de expectativa do retorno corrobora no sentido de confirmar o êxtase e a perspectiva de uma mudança quase que irreversível, já que a jovem não quer esperar outra lua para desfrutar dos desejos eróticos. Porquanto, Ixtlan é taxativo ao responder à jovem. “– Use-se” (LISPECTOR, 2016, p. 535). Ruth Algrave sofre com a partida do amado, pois passa a ver o mundo por outro padrão de conduta social. “Viu a madrugada nascer toda cor-de-rosa. No fog os primeiros passarinhos começavam a pipilar com doçura, ainda sem alvoroço” (2016, p. 534). Observa-se que, em meio aos novos paradigmas intuituais, a jovem profana o sagrado e passa a considerar a sua personalidade libidínica como uma dádiva divina, ou seja, legítima o conceito de sagrado por meio de evocação oposta ao que, até então, acreditava. “Deus iluminou o seu corpo” (2016, p. 534); e acrescenta: “Era uma privilegiada. Fora escolhida por um ser de Saturno” (2016, p. 534). O tom irônico é evidenciado na forma como se descreve: “Era agora imprópria para menores de dezoito anos” (2016, p. 534). Assim, movida pelos instintos de Id, Ruth Algrave passa a observar o mundo a sua volta pelo viés que considerava contraditório.

Efetivamente, a partir da mudança radical de comportamento da jovem, o Eu não segue mais a recriminação do Super-eu. Essa transição não consiste, apenas, na conjuntura que induzia a personagem a se esconder por trás da amargura do Eu ante o Super-eu. Entretanto, observa-se que ela, mesmo movida pelo instinto do prazer, encontra-se na iminência da destruição, já que, ambos os instintos se comportam de modo adverso e, por efeito, encontram-se sem a influência do elemento

moderador que advém do Eu. “Ambos os instintos comportam-se de maneira conservadora no sentido mais estrito, ao se empenhar em restabelecer um estado que foi perturbado pelo surgimento da vida” (FREUD, 2011, p.50). De certo modo, a transformação da personagem que se desloca do Super-eu ao Id pode ser demasiada destrutiva, pois demonstra certa falha do papel investidor do Eu na sua relação com *Eros*. “E da luta contra Eros! É difícil não imaginar que o princípio do prazer serve ao Id como uma bússola no combate à libido, que introduz perturbações no curso da vida” (2011, p. 58). Sendo assim, o Id, manifesta em Ruth Algrave o empenho erótico simplesmente envolto na satisfação das disposições sexuais, ou seja, das tensões e pulsões eróticas.

O conto “Miss Algrave”, no seu desfecho, converge para plena satisfação sexual da personagem, considerando as inúmeras observações abaixo:

- a) olhava a natureza pela perspectiva da felicidade plena;
- b) se tornara mais espontânea, pois até fingiu tocar a campainha para que o mordomo lhe trouxesse café quente;
- c) não considerava pecado o que ocorreu com Ixtlan;
- d) deixou de escrever cartas de protestos ao Time;
- e) passou a apreciar carne sangrenta e vinho tinto italiano;
- f) não sentia mais repulsa pelos casais do Hyde Park;
- g) passou a cantar mais afinado no coral;
- h) deitava-se na grama quente do Park Hyde para tomar sol;
- i) passou a abordar homens e levá-los à sua casa para prostituir-se e também ter prazer;
- j) descobre que ser prostituta seria lucrativo;
- k) pretende tratar o patrão de modo vulgar;
- l) faz juízos de valor a respeito da sensualidade erótica da mulher do patrão.

Afinal, são raros os momentos no conto, nos quais a personagem consegue manter um equilíbrio dos seus instintos, em termos vulgares, pode-se dizer que Ruth Algrave desloca-se de “8 a 80”, isto é, no início do enredo o Eu da jovem casta se estabelece, quase que por completo, pela identificação e dominação do Super-eu que, por sua vez, o obriga a resistir aos investimentos do Id que permanece dentro do Eu. No decorrer dos fatos, o Eu dela é fortalecido no máximo das pulsões

eróticas, de modo que não mais resiste as investidas do Id que, por conseguinte, encontra-se profundamente imerso nos domínios do princípio do prazer. Desse modo, independente de qual poderio instintivo a jovem sucumbe pode-se concluir que em ambos os estados instintivos, a neurose obsessiva que não coaduna com as atitudes ideal do Eu prevalece no domínio do com portamento da personagem.

Do êxtase: a travessia disfórica do nojo à euforia do gozo

Conforme a análise do conto “Miss Algrave”, de Clarice Lispector, pode-se ponderar que a personagem Ruth Algrave constrói sua relação social com o mundo implicada na imagem ideal de si mesma. Ela busca se afirmar como consciência do que seja moral e imoral, certo e errado, sagrado e profano, isto é, se comporta mediante a dicotomia dos contrários. Porquanto, na fase de extremo conservadorismo, observa-se que a jovem virgem vive sob a imagem da negação, ou seja, não reconhece o investimento sombrio que o estimula e, por isso, se torna presa fácil da sombra. A personagem encontra-se numa constante necessidade de reafirmar o seu Eu envolto na limitação que advém das múltiplas razões traumáticas da infância.

A imagem de “Santa” idealizada não corroborou para a aceitação do Eu. Ademais, ao deslocar para o outro lado do seu próprio abismo, a personagem acredita ter alcançado à completude na condição de “promíscua”. De tal modo, ela não se ajusta à efetiva resiliência do seu “Ser”, considerando as fronteiras entre o sagrado e o profano tão dispares. Nesse interim, o efeito profundo da transformação rejeita a equidade e, conseqüentemente, o estado de consciência pode ser afetado, já que, na sombra, prevaleciam a resistência, os medos ocultos e os desejos reprimidos. Ao render-se aos investimentos eróticos, é evidente que a personagem apresenta certa leveza, pois encontra-se destituída do esforço em coibir as intenções e ações que implicam no princípio do prazer.

Ao considerar a influência dos ambientes externos como fator psíquico envolto na personagem pode-se salientar que as cores são associadas, no texto, como sintaxe de uma linguagem que incide no individual e reafirma a subordinação de Ruth Algrave às suas condições físicas e psicológicas mediadas pelas influências culturais, principalmente no que se refere à religiosidade. As cores implicam a

valoração de expressividade e corroboram na perspectiva da travessia entre lograr o universo sagrado e adentar o profano. A ênfase à cor vermelha se efetiva pela máxima difusão de ideias. Nesse sentido, o vermelho predomina perante os arcaísmos eufórico e disfórico, já que tendem a manter o desequilíbrio, cuja desarmonia ambiental implica em comportamentos e costumes sociais, a exemplos: vestimentas e alimentos e bebidas. Assim, pode-se pressupor que as cores, dispostas na perspectiva clariciana, demonstram certo poder de ação que corroboram no trânsito da personagem que sai de uma zona de desconforto (nojo) e se abriga na leveza do êxtase erótico (gozo), isto é, ela desiste do recuo e avança para outro comportamento psicológico controvérsido.

A conjuntura religiosa implica o sagrado e o profano, considerando que os modos distintos de vida dual, nas quais incidem tanto ao excesso de pudor como na falta de compostura social, ocorreu sob a descontinuidade do seu comportamento extremamente conservador, cuja acepção de conduta advém da esfera sagrada rompida. A transgressão surge como violação do sagrado e, por essência, remete à ideia de impureza. É concluso que a ambiguidade comportamental apresentada pela personagem Ruth Algrave se efetiva pela dialética, ou seja, na transformação da jovem pudica em lasciva. Ao transitar para o universo profano, a personagem mantém o deslumbramento sob a perspectiva do sagrado. Desse modo, como ser implicado na ideia de profanação por um trauma infante, a personagem, depois da experiência erótica com o “Ser de Saturno”, elabora múltiplas inferências ao seu ambiente desvelando-o como seu lugar ideal no mundo. Paradoxalmente, Miss Algrave, na sua essência, acredita que atingiu a eficácia do sagrado.

No que confere ao papel psíquico dos instintos relacionados ao Id, ao Eu e ao Super-eu, no conto “Miss Algrave”, especificamente os instintos impulsivos permitem avaliar os limites que ocasionaram os sentimentos de culpa e autocensura da personagem. Defende-se a hipótese que os movimentos desses instintos, no consciente e inconsciente da jovem, encontram-se sob a estrutura reversa, já que, a princípio, o seu comportamento é movido pela perspectiva do Super-eu que, basicamente, encontra-se atrelado ao inconsciente em conjunto ao Eu que reprime os desejos armazenados para que esses permaneçam estáveis. Entretanto, se avaliado a eficiência de sua proposição

conciliadora, pode-se observar que a jovem não alcança “meio termo”, pois que, no princípio da narrativa, predominou a força instintiva do Super-eu. Dessa dominação, o princípio do prazer é reiteradamente sabotado pela associação de acepções de ditames socioculturais.

O agir extremoso de Ruth Algrave qualifica a instância psíquica principal do Eu, cuja prevalência pode ser conferida ao consciente em detrimento dos elementos do inconsciente. A visão abrangente do Eu perante o mundo lhes confere o papel objetivo de sabotar o Id e equilibrar o Super-eu. Entretanto, considerando a força da sombra e seu poder valorativo, sob o ponto de vista de Deepak Chopra, pode-se concluir que o Eu perdeu e o Id ganhou força, no sentido que arrasta a personagem para o nível limitado do inconsciente, no qual ela não mais reconhece os limites sociais impostos e deixa-se levar pelos impulsos sexuais como princípios básicos de completude e deslumbramento.

Referências

BATAILLE, Georges. **Teoria da religião**. Tradução de Sergio Goes de Paula e Viviane de Lamare. São Paulo: Ática, 1993.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Fernando Scheibe. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BRANCO, Lúcia Castello. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

CHOPRA, Deepak. A sombra coletiva. In: CHOPRA, Deepak, FORD, Debie, WILLIAMSON, Marianne. **O efeito sombra: encontre o poder escondido na sua verdade**. Tradução de Alice Klesck. São Paulo: Lua de Papel, 2010.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 4. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1990.

FIORIN, José Luiz. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. **Delta: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 177-207, 1999. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S010244501999000100009>>. Acesso em: 05 abr. 2020.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 16: O eu e o id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GUIMARÃES, Luciano. **A Cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2000.

KLEIN, Melaine. **Inveja, ingratidão e outros trabalhos**. 1946 – 1963. Tradução de Elias Mallet da Rocha e Liana Pinto Chaves (Coordenadores e colaboradores). Rio de Janeiro: Imago, 1981.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Org. Benjamim Moser. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MEYER, Augusto. A sombra. In: MEYER, Augusto. **Machado de Assis, 1935-1958**. 4. ed. Apresentação de Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, p.61-64.

MEYER, Augusto. Da sensualidade. In: MEYER, Augusto. **Machado de Assis, 1935-1958**. 4. ed. Apresentação de Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, p.105 - 113.

MOSER, Benjamin. Glamour e Gramática. In: LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Org. Benjamim Moser. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

PLASTINO, Gilda. **O discurso da falta em Clarice Lispector: “Laços de família”**. 2. ed. Osasco: Edifício, 2008.

ROSENBAUM, Yudith. **Clarice Lispector**. São Paulo: Publifolha, 2002.

STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. Tradução: Adriana Lisboa. Edição Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

VIEIRA, Antônio. **Sermões do Padre Antônio Vieira**. Seleção, introdução e notas de Homero Vizeu Araújo. Porto Alegre: L&PM, 2010.

Recebido em: 18 de agosto de 2020

Aceito em: 26 de outubro de 2020